

Boletim do FMI

PERSPETIVAS ECONÓMICAS REGIONAIS

Crescimento mais fraco na África Subsariana exige reposicionamento das políticas

Monique Newiak
Departamento da África, FMI

3 de maio de 2016



Projeto de construção de estrada em Marsabit, Quênia. Embora a queda dos preços das matérias-primas prejudique, muitos países continuam a beneficiar de investimentos em infraestrutura (foto: Zhou Xiaoxiong/Xinhua Press/Corbis).

- Crescimento mais baixo em 15 anos, com variações significativas na região
- Duros choques: enfraquecimento dos preços das matérias-primas, financiamento externo mais difícil, seca
- Necessidade premente de reposicionar políticas para garantir o crescimento

Após ter experimentado um período prolongado de crescimento económico robusto, a África Subsariana enfrentará um segundo ano difícil na medida em que a região é atingida por vários choques, destacou o FMI no seu mais recente [relatório sobre as perspetivas económicas regionais para a África Subsariana](#).

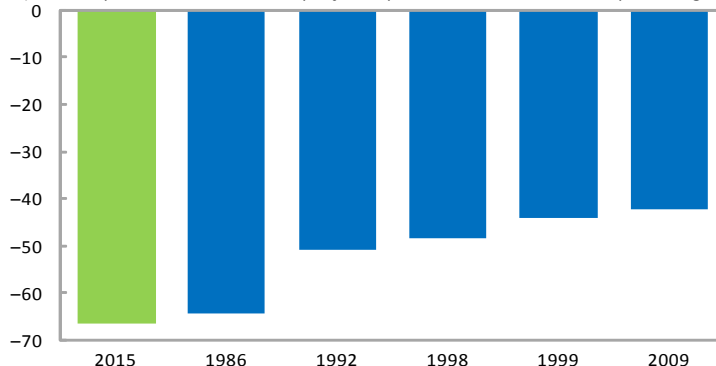
O forte declínio dos preços das matérias-primas e as condições de financiamento mais difíceis causaram forte pressão sobre muitas economias de grande porte, e o novo relatório exige uma resposta mais forte na forma de políticas para neutralizar o efeito destes choques e garantir o potencial de crescimento da região.

O relatório mostra uma queda do crescimento para 3,5% em 2015, o nível mais baixo em 15 anos. O crescimento neste ano deve desacelerar ainda mais, recuando para 3%, bem abaixo da média de 6% registada ao longo da última década, e um nível apenas ligeiramente superior ao do crescimento da população.

Atingida por vários choques

A queda dos preços das matérias-primas atingiu duramente muitas das maiores economias da África Subsariana. Embora os preços do petróleo tenham recuperado em certa medida em comparação ao início do ano, situam-se ainda mais de 60% abaixo do pico registado em 2013 — o que configura um choque de dimensões sem precedentes (veja o Gráfico 1).

Gráfico 1
Exportadores de petróleo subsarianos enfrentam choque de magnitude histórica.
(maiores quedas de 18 meses dos preços do petróleo bruto, 1970–2015, percentagem)



Fonte: FMI, Commodity Price System.

Em consequência, os exportadores de petróleo, como a Nigéria, Angola e cinco dos seis países da Comunidade Económica e Monetária da África Central, continuam a enfrentar uma conjuntura económica especialmente difícil. A queda dos preços das matérias-primas também prejudicou os exportadores de matérias-primas não energéticas, como África do Sul, Gana e Zâmbia.

Para agravar este choque, as condições de financiamento externas para a maioria dos mercados de fronteira da região se tornaram consideravelmente mais restritivas em comparação ao período findo em meados de 2014, quando este grupo de países desfrutava de amplo acesso aos mercados de capital mundiais.

Para além disso, uma grave seca em vários países da África austral e oriental, entre eles Etiópia, Malawi e Zimbábue, está a expor milhões de pessoas ao risco de insegurança alimentar.

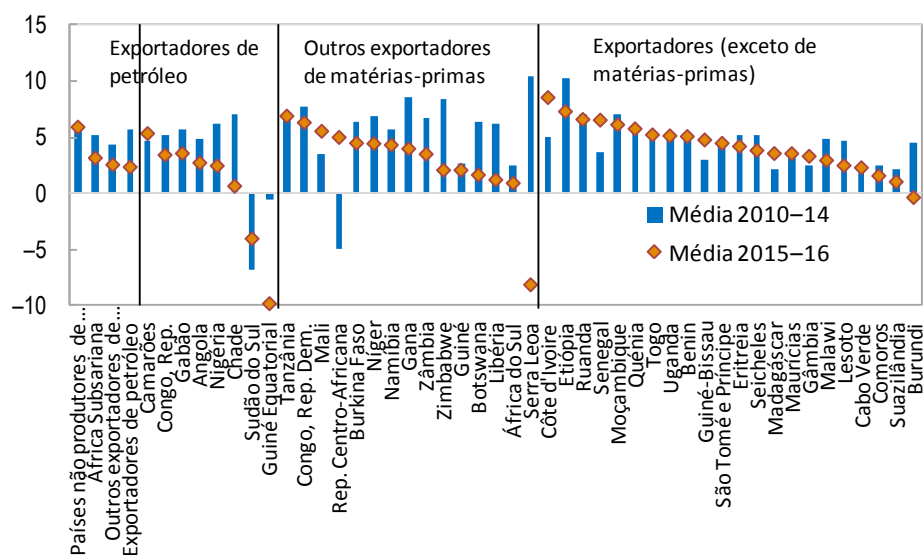
Perspetivas de médio prazo ainda favoráveis

Contudo, o impacto destes choques varia consideravelmente na região e muitos países continuam a registar um crescimento robusto, inclusive em termos per capita (ver o Gráfico 2).

Gráfico 2

Choques externos atingiram duramente muitos países da África Subariana, mas o impacto no crescimento varia entre os países.

(evolução do crescimento do PIB real, média 2010–14 a média 2015–16, percentagem)



Fonte: FMI, banco de dados do *World Economic Outlook*.

Em especial, a maioria dos importadores de petróleo está a registar um desempenho bem melhor, com taxas de crescimento de 5% ou mais, em países como Côte d'Ivoire, Quênia e Senegal, ou em muitos países de baixo rendimento. Tais países continuam a beneficiar de iniciativas de investimento em infraestrutura e do forte consumo do setor privado.

Embora as perspetivas imediatas para muitos países subsarianos continuem a ser difíceis, as perspetivas de crescimento de médio prazo ainda são favoráveis. Os fatores internos subjacentes ao crescimento na última década de modo geral continuam a agir. Em especial, a considerável melhoria do ambiente de negócios e a demografia favorável na região devem ajudar a reforçar o crescimento no médio prazo.

É premente reposicionar as políticas para garantir o potencial de crescimento

Para aproveitar este forte potencial, porém, em muitos casos é crucial fazer um substancial reposicionamento das políticas, pois a resposta por parte das políticas até ao momento tem sido insuficiente na generalidade.

Nos *países exportadores de matérias-primas*, onde as reservas orçamentais e estrangeiras estão a esgotar-se rapidamente e o financiamento é restrito, a resposta ao choque precisa ser imediata e robusta de modo a evitar um ajustamento desordenado. Os países que não pertencem a uniões monetárias devem recorrer à flexibilidade cambial como um dos elementos de um pacote alargado de política macroeconómica, a fim de absorver o choque. Dada a probabilidade de que a redução das receitas dos setores extrativos seja duradoura, muitos países afetados também terão obrigatoriamente de conter os défices orçamentais e construir uma base tributária sustentável a partir dos demais segmentos da economia.

Tendo em vista a maior restritividade das condições de financiamento externo, os países com acesso aos mercados nos quais os défices orçamentais e da balança corrente estão elevados terão também de recalibrar as suas políticas orçamentais para reconstituir as escassas margens de manobra e atenuar as vulnerabilidades, na eventualidade de a conjuntura externa continuar a deteriorar.

As medidas exigidas podem custar uma desaceleração do crescimento no curto prazo. Contudo, evitarão o que, de outro modo, poderia ser um ajustamento desordenado e com um custo consideravelmente mais alto. Estas políticas assentariam as bases necessárias para a região explorar o potencial económico substancial que ela ainda tem pela frente.

Nos dois estudos de base, o relatório *Regional Economic Outlook* também examina o atual choque nos termos de troca das matérias-primas e as respostas de política contra fases descendentes do ciclo no passado, e o impacto económico dos avanços obtidos no desenvolvimento financeiro. A região fez progressos na ampliação do acesso a serviços financeiros por meio do uso da tecnologia móvel e da expansão dos bancos pan-africanos de origem interna.

Ligações relacionadas

[Ler o relatório](#)

[Ouvir o podcast*](#)

[FMI e a assistência técnica*](#)

[World Economic Outlook*](#)

*English